

Influência das Línguas Indígenas

Por A. Tenório D'Albuquerque

Souza Docca descreve os caracteres de cada grupo e indica-nos o local que habitavam."

Não devemos esquecer que, em 1619, já tratara da colonização, o Padre Roque González, "o primeiro jesuíta a penetrar no território do Rio Grande do Sul."

"Foram sete os mais importantes centros populosos criados pelos jesuítas aquém do Uruguai: S. Francisco de Borja, S. Luís Gonzaga, S. Nicolau, S. Lourenço, S. Miguel, S. João Batista e S. Anjo."

Aí tínhamos vários agrupamentos humanos exercendo influências nos colonizadores, inclusive na linguagem, isto é indiscutível, o filólogo espanhol Rafael Lopera escreveu:

"No puede rechazarse de plano, sin embargo, la posible influencia de las hablas indígenas en otros casos. El Padre Juan de Rivero, que escribe hacia el año 1729, una historia de las misiones del interior venezolano, se escusa de sus incoherencias diciendo: "No es pequeño estorbo el poco uso de la lengua castellana que por acá se encuentra, pero con la necesidad de tratar a estas gentes en sus idiomas bárbaros, se beben insensiblemente sus modos toscos de hablar y se olvidan los propios."

(História de la Lengua Española, 2a. edição, págs. 324 e 325, Escelicer S. L., Madri, sem data.)

Poucas linhas mais adiante, escreveu Rafael Lopera:

"La contribución más segura e importante de las lenguas indígenas está en el léxico. Los españoles se encontraron ante aspectos desconocidos de la naturaleza que les ofrecía plantas y animales extraños a Europa, y se pusieron en contacto con las costumbres indios también nuevas para ellos."

O que ocorreu com os espanhóis, sucedeu igualmente com os brasileiros e os portugueses no Brasil. Muitos padres, como Anchieta, Nóbrega, Filgueiras e tantos outros, para maior eficiência de sua missão, aprenderam as línguas indígenas. Os colonizadores tiveram que aceitar numerosos vocábulos indígenas referentes à flora e à fauna.

E não era só a influência interna que se fazia sentir.

INFLUÊNCIA DO GUARANI

O Rio Grande do Sul está separado apenas pelo rio Uruguai, por vészes bastante estreito, da Província argentina de Corrientes (1). Na época da colonização, pelo menos 80% dos correntinos falavam o guarani e dêles, talvez a metade desconhecesse o espanhol. Hoje, 80% dos correntinos conhecem o guarani e possivelmente desconhecem o castelhano.

Em Pasos de los Libres (Província de Corrientes), disse-me o coronel Abelardo de la Vega: "Dos homens desta Província, chamados para o serviço militar, 30% desconhecem o castelhano e só falam o guarani."

O Prof. Juan B. Selva, ilustre filólogo argentino, conta-nos à página 126 de **Crecimiento del Habla** que, estando em Iguazu, dirigiu-se a um peão, em castelhano, e êle não o entendeu. Tornou-se necessário um intérprete traduzir-lhe a frase para o guarani. Meu amigo Juan B. Selva estava diante de um argentino que não falava castelhano.

Em Montes Caseros, Ituzaingó, Yapeyu (onde nasceu o grande San Martin), em S. Tomé e em outras cidades da Província de Corrientes, encontrei também argentinos que só falavam guarani.

Numerosas são as instituições, em Corrientes, para cultura e propaganda do guarani. Realizam festas com canções, declamações e discursos em guarani, língua em que também fazem publicações. São entusiastas defensores do eufônico e riquíssimo idioma. Em Buenos Ai-

res, fundaram **La Peña Correntina**, que agrupa numerosos paraguaios e correntinos, unidos pelo idioma comum. Bondosamente, lá me ofereceram encantadora festa. Concedeu-me a honra de saudar-me em guarani, o Dr. Anselmo Jover Peralta, eminente intelectual paraguaio, autor de excelente **Diccionario Castellano-Guarani y Guarani-Castellano**, de uma **Gramática Guarani** e de **El Guarani en la Geografía de América**.

O interesse extraordinário com que é cultivado o guarani, língua riquíssima, possuidora de considerável literatura, falada por cerca de um milhão de pessoas, demonstra a sua vitalidade, atesta a sua florecência.

Inexplicavelmente alguns filólogos (??), traido a verdade, consideram o guarani, língua morta (1). Pessoas há que, para discutir questões de grafia ou de significação de palavras indígenas, invocam a autoridade de Anchieta, Filgueiras, Montoya e outros daquela época. Supõem que o guarani estacionou no século XVII, que se cristalizou. Olvidan-se de que os citados autores não dispunham de certos recursos para representar alguns fonemas, que êles involuntariamente se deixavam influenciar pela sua própria língua. Um exame atento dos livros dos citados autores demonstra-nos que êles mesmos não representavam os sons com uniformidade. Basta ver a particular **tib**, que se apresenta assim grafada: **tib, ty, tí, tig, tug e tu**. Acima de tudo, cumpre ponderar que o guarani evolucionou muito, inclusive sob a influência do português e do espanhol. Basta ler-se o que escreveu o eminente filólogo paraguaio Dr. Marcos A. Morinigo em **Hispanismos en el guarani**. (Biblioteca de Dialectología Hispanoamericana, Instituto de Filología, Buenos Aires, 1942).

Monsenhor Bugarin, arcebispo de Assunção, notável conhecedor do guarani, declarou: "Ese idioma, si bien no es enteramente el que se hablaba en tiempo de Montoya (o el que nos consignó en sus libros), no por eso deja de ser la lengua propia y nativa de todos los hijos del legendario Paraguay". (Prólogo de **El Idioma guarani**, do Pe. Antônio Guasch, S. I.).

Discutir questões acerca do guarani em sua fase atual, apoiando-se em Anchieta, Diego de Avalos y Figueroa, Antônio Ruiz de Montoya e outros d'antanho, é como se, para dilucidar divergências, do português de hoje, grafia e significado, recorrêssemos a Fernão de Oliveira e a João de Barros e a Duarte Nunes de Leão.

O correntino é um tipo intranquilo. Não lhe agrada permanecer muito tempo num lugar. Cruzavam os correntinos, com frequência, o rio Uruguai e embrenhavam-se no território rio-grandense. Ainda hoje, procedem do mesmo modo, tanto assim que vivem disseminados pelo território do Rio Grande do Sul, encontrados, em maior número na região litorânea.

Falando o guarani correntemente e de preferência ao castelhano, fácil é de imaginar a contribuição que os correntinos deram para o léxico do dialeto do Rio Grande do Sul.

Não estamos afirmando que os vocábulos originários do guarani e incorporados ao léxico do Rio Grande do Sul foram levados **unicamente** por correntinos. Não. No Uruguai, viviam várias tribos de índios guaranis. Elementos de algumas delas penetraram no Sul do Brasil. Entre as tribos que habitavam o Uruguai, podem ser citadas: **Charruas** (2) que se espalhavam pela margem setentrional do Rio da Prata, desde a desembocadura do S. Salvador até o Atlântico.

(1) Souza Docca declarou: "As primeiras entradas de portugueses e brasileiros no território rio-grandense ocorreram no último quartel do século XVII e foram chefiados pelos paulistas Domingos Brito Peixoto, em 1664, e Francisco Dias Velho, em 1669.

Penetraram até as cercanias do serro de Butucaí, em procura de Minas de prata, de que tinham notícias por um indígena que lhes serviu de guia.

Foram ali recebidos hostilmente pelos indígenas que, chefiados pelos jesuítas, os repeliram, fazendo-os retrocederem espavoridos.

Assim terminou aquele século, sem que portugueses ou brasileiros se fixassem no território rio-grandense." (**Gente Sul-Riograndense**, pág. 652 do vol. I dos **Anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia**, Porto-Alegre, 1940).

(1) Minha avó paterna era correntina e meu Pai, embora houvesse sido oficial brasileiro, nascera no Paraguai. Meu avô era brasileiro. Em casa, com minhas tias e com meu Pai, minha avó só falava em guarani. Todas as nossas conversas eram em guarani. O espanhol só era usado, quando meu avô chegava. Ele dizia: "Não tolero língua de bugre!" E, pouco depois exigia que todos se utilizassem do português, que minha avó sempre falou, misturando com o castelhano e com o guarani. Meu Pai publicou uma "Gramática Abanheenga" e uma série de estudos sobre o guarani, que falava tão fluentemente quanto o português.

(Continua no próximo número)